

**AUTOMAÇÃO, CRISE E DESEMPREGO: UMA RESENHA DO LIVRO
"AUTOMATION AND THE FUTURE OF WORK", DE AARON BENANAV**

***AUTOMATIZACIÓN, CRISIS Y DESEMPLEO: UNA RESEÑA DEL LIBRO
"AUTOMATION AND THE FUTURE OF WORK", DE AARON BENANAV***

***AUTOMATION, CRISIS AND UNEMPLOYMENT: A REVIEW OF THE BOOK
"AUTOMATION AND THE FUTURE OF WORK", BY AARON BENANAV***

Thiago CANETTIERI¹

RESUMO: O mundo ocidental enfrenta o desmantelamento do mundo do trabalho. As estatísticas de desemprego não param de crescer em todo o mundo. Uma ampla literatura se desenvolveu creditando ao processo de automação da economia essa transformação social drástica. É nesse debate que o livro *Automation and the future of work*, de Aaron Benanav se insere. O livro busca questionar essa resposta. Para Aaron Benanav existem outras causas para o desmantelamento do trabalho em todo o mundo. Ao investigar as causas deste processo, Benanav pode também discutir sobre as alternativas que, em geral, são apresentadas para esse problema social, apontando os limites de cada uma das respostas. Seu livro, muito bem documentado, figura como uma importante contribuição no debate sobre o futuro do mundo do trabalho e seus efeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Produtividade do trabalho. Automação. Estagnação econômica. Crise. Desemprego.

RESUMEN: *El mundo occidental encara al desmantelamiento del mundo del trabajo. Las estadísticas de desempleo están creciendo en todo el mundo. Una amplia literatura ha desarrollado el crédito al proceso de automatización de la economía esta drástica transformación social. En este debate se inserta el libro de Aaron Benanav "Automation and the future of work". El libro busca cuestionar esa respuesta. Para Aaron Benanav hay otras causas para el desmantelamiento del trabajo en todo el mundo. Investigando las causas de este proceso, Benanav puede también discutir las alternativas que se presentan generalmente para este problema social, señalando los límites de cada una de las respuestas. Su libro, muy bien documentado, figura como una importante contribución en el debate sobre el futuro del mundo del trabajo y sus efectos sociales.*

PALABRAS CLAVE: *Productividad laboral. Automatización. Estancamiento económico. Crisis. Desempleo.*

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG – Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Urbanismo da UFMG. Doutor em Geografia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3662-6104>. E-mail: thiago.canettieri@gmail.com



ABSTRACT: *The Western world faces the dismantling of the labor. Unemployment statistics are growing all over the world. A wide literature has developed crediting to the automation process of the economy this drastic social transformation. It is in this debate that the book *Automation and the future of work*, by Aaron Benanav, is inserted. The book seeks to question that answer. For Aaron Benanav, there are other causes for the dismantling of labor all over the world. By investigating the causes of this process, Benanav can also discuss the alternatives that are generally presented for this social problem, pointing out the limits of each of the answers. His book, very well documented, figures as an important contribution to the debate on the future of the world of work and its social effects.*

KEYWORDS: *Labor productivity. Automation. Economic stagnation. Crisis. Unemployment.*

Aaron Benanav é um historiador da economia e um crítico social importante para o mundo contemporâneo. Sua pesquisa, sobre a natureza do trabalho no capitalismo tardio, embasada em pesquisas de economia histórica do século XIX e XX, é relevante para compreender as dinâmicas de mercado contemporâneo. Seu livro de estreia *Automation and the future of work* [*Automação e o futuro do trabalho*, em tradução literal] enfrenta, de frente, um debate urgente: estaria a automação destruindo os empregos? Muitos responderiam que sim sem hesitação. Benanav, contudo, é mais comedido, toma uma distância da questão para investigar criticamente a fundamentação dessa percepção – como ele bem nota, tem se tornado cada vez mais comum: das lojas on-line aos smartphones, dos aspiradores de pó robô aos caixas automáticos, dos carros sem motoristas aos algoritmos de inteligência até, é claro, pelos robôs industriais nas plantas fabris de todo o mundo.

É nesse debate que Aaron Benanav se insere, apresentando um livro que nada contra a correnteza das interpretações sobre a automação. A partir de uma vasta pesquisa sobre o discurso dos teóricos da automação, que estão em alta nos dias de hoje, Aaron busca construir uma interpretação divergente, demonstrando de maneira clara as contradições aos argumentos destes teóricos.

No entanto, a explicação que eles oferecem – que a mudança tecnológica desenfreada está destruindo empregos – é simplesmente falsa. Há uma subdemanda real e persistente de mão de obra nos Estados Unidos e na União Europeia, e ainda mais em países como África do Sul, Índia e Brasil, mas sua causa é quase oposta àquela apontada pelos teóricos da automação (BENANAV, 2020, p. 80, tradução nossa).

Como Benanav nota, tal interpretação da realidade ganha relevância diante da atual tendência que se instala em todo o mundo: “*there are simply too few Jobs for too many people*” (simplesmente existem poucas vagas de trabalho para tantas pessoas assim). Essa situação de



baixa demanda de trabalho crônica é manifestada hoje de maneira escancarada: aumento do desemprego e da crescente insegurança no trabalho; ascensão de políticos de extrema-direita baseados no ressentimento e no medo; o aprofundamento do fosso da desigualdade estrutural. Talvez seja por essa urgência latente que o discurso da automação tenha se tornado tão aceito na sociedade.

Segundo Benanav o discurso da automação está assentado em quatro proposições principais: (i) os postos de trabalho estão sendo eliminados pelo desenvolvimento tecnológico, resultando num crescente desemprego tecnológico; (ii) essa situação seria um bom indicador da tendência que a sociedade se encaminha, indicando um futuro altamente automatizado e que, por conseqüente, reduziria a oferta de trabalho; (iii) contudo, mesmo diante desse cenário, o trabalho ainda se sustenta enquanto forma básica de mediação social por meio da qual se garante a reprodução material da vida; (iv) para conter essa situação é preciso ampliar os postos de trabalho com gastos improdutivos, em geral orientados pelo Estado ou garantir uma renda básica universal rompendo a conexão entre a renda que as pessoas recebem e a quantidade de trabalho que desempenham.

Contudo, para Benanav, essa interpretação perde de foco o que se passa:

Na realidade, as taxas de crescimento da produtividade do trabalho estão diminuindo, não acelerando. Isso deveria ter aumentado a demanda por mão de obra, exceto que a desaceleração da produtividade foi ofuscada por outra tendência mais marcante: em um desenvolvimento originalmente analisado pelo economista marxista Robert Brenner sob o título de “long downturn” – e tardiamente reconhecido pelos economistas convencionais como “estagnação secular” ou “japonificação” – as economias têm crescido a um ritmo progressivamente mais lento. A causa? Décadas de excesso de capacidade industrial mataram o motor do crescimento industrial, e nenhuma alternativa foi encontrada, muito menos nas atividades de crescimento lento e baixa produtividade que constituem a maior parte do setor de serviços. À medida que o crescimento econômico desacelera, as taxas de criação de empregos diminuem, e é isso, e não a destruição de empregos induzida pela tecnologia, que deprime a demanda global por mão de obra (BENANAV, 2020, p. 8, tradução nossa).

O autor tentará demonstrar que não é o desenvolvimento tecnológico contemporâneo (robótica avançada, inteligência artificial e *machine learning*), que está destruindo os empregos e diminuindo as taxas de criação de novos empregos. A causa do desemprego, para Benanav, é uma demanda persistentemente baixa por mão de obra, representada por picos elevados de desemprego durante as recessões e com recuperações cada vez mais fracas. O efeito disso é que a baixa demanda por trabalho implica no declínio na parcela de toda renda obtida pelo salário o que reduz a demanda por bens que, por sua vez, esfria, ainda mais a demanda por trabalho.

Para o autor, não se trata de um “desemprego tecnológico de longo prazo”, no qual a automação total da produção e dos serviços levaria a sociedade ao desemprego total. Caso esse prognóstico fosse verdadeiro, o trabalho não seria mais necessário e, assim, diante da automação total, o que teríamos era um apocalipse do desemprego, obrigando à uma reorganização social.

Assim, Benanav constrói um argumento crítico à teoria da automação: não foi a “*runaway technological change*” (mudança tecnológica desenfreada) que causou a baixa demanda por trabalho. Contudo, apesar de crítico à teoria da automação, Benanav vai se diferenciar dos outros críticos pois estes possuem uma teoria que explica a queda da demanda por trabalho apenas em países de alta renda ou porque estes não produzem uma visão radical de mudança social.

Benanav então sugere pensar a relação entre a variação do crescimento da produção e do crescimento da produtividade do trabalho para averiguar a taxa de crescimento do emprego. Para qualquer setor econômico, a taxa de crescimento da produção (ΔO) menos a taxa de crescimento da produtividade do trabalho (ΔP) é igual à taxa de crescimento do emprego (ΔE). Assim, $\Delta O - \Delta P = \Delta E$. Desse modo, o autor percebe que as taxas de crescimento da produtividade têm se mantido elevadas em relação às taxas de crescimento da produção, mas não exatamente porque a produtividade vem crescendo mais rapidamente do que antes, o que seria, de fato, um sinal de aceleração da automação. O que se observa, ao contrário, é que é a produção que vem diminuindo seu ritmo. Embora ainda não se possa falar de um declínio absoluto na produção industrial, o que acontece é que “a taxa na qual a produção cresce diminuiu, então o crescimento da produção passou a ser consistentemente mais lento do que o crescimento da produtividade” (BENANAV, 2020, p. 23, tradução nossa).

Ainda que boa parte da literatura acadêmica entenda que a desindustrialização é mais comumente definida como um declínio na participação da indústria no emprego total, para Benanav a situação é mais complexa. Esses teóricos assumem que o rápido aumento da produtividade do trabalho seria a principal causa da perda de empregos industrial. Contudo, segundo Benanav, essa explicação é inadequada. Segundo ele a desindustrialização como acontece no mundo não é possível de ser explicada em termos puramente tecnológicos. Na verdade, para Benanav, a causa do derretimento do emprego, sobretudo com o processo de desindustrialização deve-se à grave estagnação econômica e à redundância global das capacidades produtivas e tecnológicas.

O resultado foi que o motor do crescimento capitalista calcado na industrialização se engasgou devido à disseminação das capacidades técnicas criando redundância da produção e



à feroz concorrência nos mercados globais. Benanav, contudo, não explora o desenvolvimento histórico dessa tendência. O resultado disso é então a generalização de empregos de baixa produtividade, e, em geral, precários. Ao mesmo tempo, há uma virada dos capitais em direção à sua forma fictícia que buscam retornos pela propriedade de ativos relativamente líquidos ao invés de investir a longo prazo em novo capital fixo.

Ou seja, apesar do alto grau de supercapacidade na indústria, não há lugar mais rentável na economia manufatureira para o capital investir. Se este fosse o caso, argumenta Benanav, teríamos evidências disso em taxas mais elevadas de acumulação de capital e, portanto, taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mais elevadas. Em vez disso, o que vemos é o desinvestimento contínuo - com as corporações usando dinheiro ocioso para comprar suas próprias ações ou pagar dividendos - e a queda das taxas de juros de longo prazo, à medida que a oferta de fundos emprestados supera em muito a demanda. Nessas condições, grandes quantidades de dinheiro fluíram em ativos financeiros.

Diante desse cenário, é possível sintetizar o argumento do livro. O cenário social que se coloca no horizonte não é resultado direto do dinamismo tecnológico. Para Benanav, o resultado é consequência do agravamento da estagnação econômica após décadas de excesso de capacidade e de subinvestimento nas indústrias. Ele tece uma crítica aos teóricos da automação por estes assumirem que um ritmo acelerado de crescimento da produtividade é o principal motor da diminuição da demanda por mão de obra, quando, na realidade, o principal motor é um ritmo desacelerante do crescimento da produção. Critica a desorientada busca desses teóricos para encontrar evidências no desenvolvimento tecnológico numa posição quase mítica, capaz de apoiar essa interpretação sobre as causas da baixa demanda de trabalho. Assim, com esse salto de fé, escreve Benanav (2020, p. 30, tradução nossa), “os teóricos da automação perdem a verdadeira história que explica esse fenômeno: mercados globais superlotados para manufaturas, taxas decrescentes de investimento em capital fixo e uma desaceleração econômica correspondente”.

Diante dessa realidade, Benanav investiga as consequências sociais deste fenômeno. A principal formulação que o autor constrói é de que diante da subdemanda de trabalho o que ocorre é a imposição categórica de “trabalhar a qualquer custo”, o que significa a disseminação de “empregos fora do padrão”. Contudo, nota o autor, a expressão é claramente um equívoco haja vista que o emprego fordista foi, na verdade, resíduo de um sonho do meio do século XX de pleno emprego que nunca se tornou uma realidade global, muito menos nas partes do mundo onde a maioria das pessoas vive. O que isso significa na prática é que — com exceção de uma pequena minoria de empregados protegidos — os trabalhadores de todo o mundo se encontram



altamente expostos às fugas e fluxos da demanda por mão de obra. Assim, tudo indica que a continuidade desse cenário levará ao agravamento da precariedade laboral em diferentes esferas econômicas. Com a baixa demanda de trabalho em escala planetária, os trabalhadores temem sabem objetivamente da dificuldade de acessar empregos e, portanto, submetem-se a situações mais degradantes, nocivas e precárias. Diante da insegurança no trabalho, esses trabalhadores são forçados a aceitar salários relativamente estagnados e condições ruins de trabalho.

Para construir uma resposta à essa situação é preciso uma ação coordenada. Em diferentes pontos do espectro político, tanto à esquerda como à direita, já existe a preocupação em como lidar com esse cenário de subdemanda de trabalho. Cada qual desenvolve, portanto, suas “*silver bullets*”. Benanav analisa duas: a primeira, um “keynesianismo *reloaded*” que tenta pensar o papel do Estado para reaquecer a demanda por mão de obra. A segunda é a aposta na Renda Básica Universal, que poderia ser colocada como uma possibilidade de reverter a abismal desigualdade, revertendo o cenário de pobreza e de insegurança no trabalho. Contudo, o autor sabe muito bem das dificuldades da aplicação de qualquer medida, seja uma mais “conservadora” ou mais “progressista”, ou mais de “direita” ou de “esquerda” caso o diagnóstico esteja equivocado como o autor parece indicar. Assim, Benanav, ainda que de maneira um tanto superficial, busca colocar as possibilidades para se construir um futuro longe da escassez e que não pressuponha a automação total, a partir de novas formas de organizar o trabalho, compartilhando tanto o trabalho que precisa ser realizado quando o tempo livre estando orientada pela ideia de justiça cooperativa.

O livro de Benanav é, sem dúvida, uma importante contribuição para compreender o mundo em que vivemos e figura entre as tentativas de pensar alternativas para a difícil situação que encaramos.

Todavia, nos parece que o texto apresenta algumas lacunas que aqui deixaremos sob a forma de questões. Trata-se de questionamentos que surgem da leitura do texto de Benanav e que apontam para limitações no argumento do autor. Expô-las não é uma forma de diminuir a contribuição do autor, mas de engajar num debate ainda por ser feito.

O primeiro limite do livro é não pensar a historicidade do processo que ele mesmo descreve. Seria fácil argumentar que o descrito por Benanav como possíveis causas da queda da demanda por trabalho, à saber, a disseminação das capacidades técnicas que cria redundância da produção e a feroz concorrência nos mercados globais já estavam historicamente colocadas desde sempre no capitalismo. Seria possível rastrear esses elementos na obra de Karl Marx ainda no século XIX. Portanto, qual seria exatamente a especificidade histórica do momento em que vivemos?



Outro ponto merecedor de destaque é que Benanav vai criticar a leitura dos teóricos da automação que entendem que a crise que atravessamos é resultado do aumento exacerbado da produtividade por causa do desenvolvimento da automação. Para ele, as causas estão na estagnação econômica que gera uma taxa de crescimento da produção cada vez menor. Ao que parece, Benanav estrutura seu argumento entendendo que uma das posições implica na exclusão da outra. Em nossa perspectiva, há, na verdade, uma dupla determinação entre os dois termos apresentados. Não é apenas que a causa da estagnação econômica é a crise do mundo do trabalho; também o desemprego é causador da estagnação econômica numa reciprocidade dialética. Em nossa perspectiva é exatamente esse o fundamento da crítica da economia política desenvolvida por Karl Marx. Já que a substância do capital é o trabalho humano, a valorização do valor só pode ocorrer na exata medida em que ocorre dispêndio de força de trabalho. Mas, como Marx mesmo desenvolve, pela pressão da concorrência sobre os capitais individuais o aumento da produtividade do trabalho implica não raro na expulsão de trabalhadores das esferas produtivas o que, por fim, resulta na incapacidade de valorização. Portanto, não seria nenhum exagero dizer que, há uma ausência de crítica da economia política no livro de Aaron Benanav.

REFERÊNCIAS

BENANAV, A. **Automation and the future of work**. Londres: Verso, 2020.



Como referenciar este artigo

CANETTIERI, Thiago. Automação, crise e desemprego: Uma resenha do livro “Automation and the Future of Work”, de Aaron Benanav. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. 00, e022033, 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.14585>

Submetido em: 10/05/2022

Revisões requeridas em: 13/06/2022

Aprovado em: 16/07/2022

Publicado em: 21/12/2022

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

